



**AS ASPIRAÇÕES DO NEOLIBERALISMO E OS DISCURSOS POLÍTICOS NO
CONTEXTO EDUCACIONAL: MOVIMENTO POLÍTICO DA FEDERAÇÃO
NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS E AS
PRÁTICAS EDUCATIVAS PEDAGÓGICAS DOS SURDOS**

**THE ASPIRATIONS OF NEOLIBERALISM AND POLITICAL DISCOURSES
IN THE EDUCATIONAL CONTEXT: POLITICAL MOVEMENT OF THE
NATIONAL FEDERATION OF EDUCATION AND INTEGRATION OF THE
DEAF AND THE PEDAGOGICAL EDUCATIONAL PRACTICES OF THE
DEAF**

Elias Paulino da Cunha Júnior¹

Resumo: Este artigo apresenta a educação dos Surdos no contexto neoliberal, a partir da década de 1980, período em que se intensificou a luta dos Surdos representada pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) contra as incrustações e pautas que, direta ou indiretamente, buscavam moldar e/ou forjar políticas públicas para os Surdos nos moldes do sistema educacional brasileiro, neoliberal. Para sustentar a análise, nos pautamos de referenciais teóricos. Assim, questionamos: qual o papel da militância Surda pela educação nas questões discursivas? A pesquisa se sustenta por meio de corpus de análise documental: jornais, relatórios e manifestos, sobre o papel da militância Surda, via FENEIS, nos embates discursivos e dos direitos educacionais dos Surdos. Nessa direção, a metodologia será por meio da análise documental e de questões discursivas para desvendar as ideologias presentes nos discursos políticos. Como resultado, está em identificar as diversas esferas discursivas e educativas em que os Surdos estavam e estão inseridos. Portanto, o que se conclui é que este artigo apresenta uma forte denúncia e de proposição, reforçando que a educação de Surdos é acima de tudo, um território de disputa política e ideológica no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: FENEIS; Embates Discursivos; Movimento de Luta; Educação de Surdos.

Abstract: This article examines the education of the Deaf within the neoliberal context, beginning in the 1980s, a period in which the struggle of the Deaf, represented by the National Federation for the Education and Integration of the Deaf (FENEIS), intensified against the entrenched practices and agendas that, directly or indirectly, sought to shape and/or forge public policies for the Deaf in accordance with the Brazilian neoliberal educational system. To support the analysis, we draw on theoretical frameworks. Thus, we ask: what is the role of Deaf activism for education in discursive issues? The research is grounded in a corpus of documentary analysis: newspapers, reports, and manifestos on the role of Deaf activism, via FENEIS, in discursive struggles and the educational rights of the Deaf. In this vein, the methodology will involve documentary analysis and discourse analysis to uncover the ideologies present in political discourses. The aim is to identify the various discursive and educational spheres in which Deaf people were and are embedded. Therefore, the conclusion is that this article presents a strong critique and proposal, reinforcing that the education of the Deaf is, above all, a territory of political and ideological dispute in contemporary Brazil.

Keywords: FENEIS; Discursive Clashes; Struggle Movement; Deaf Education.

¹ Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Guarulhos, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: cunha.junior@unifesp.br



1 Introdução

A extensidade do título: “*As aspirações do neoliberalismo e os discursos políticos no contexto educacional: movimento político da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos e as práticas educativas pedagógicas dos Surdos*”, de modo proposital, expressa no sentido de que as políticas neoliberais tendem a moldar a mentalidade social, cultural de modo aspirar aos interesses vigentes e conservadores sobre a educação dos Surdos², ora mercantilizar a moralidade em desimbolização cultural, educativa e formativa do humano Surdo, ora manter a realidade contraditória como está posta.

Em contrapartida, o discurso extraído dos feneístas por meio dos documentos do movimento Surdo, via FENEIS, são oportunos para compreendermos o embate nas políticas educacionais e linguística dos Surdos. Dessa forma, a FENEIS em preocupação com as práticas pedagógicas, atua em seu itinerário nos contextos de Educação Especial, Educação Inclusiva e Educação Bilíngue de Surdos, para uma nova perspectiva universitária.

De um lado temos a questão hegemônica das aspirações neoliberais, com ideais e políticas que não condizem com as pautas do movimento Surdo, de outro, a contrahegemonia a essa política conservadora e dominante. Em busca do melhor itinerário educativo aos Surdos, seja, pela perspectiva de educação bilíngue e/ou novos caminhos para o ingresso de Surdos nas universidades é que podemos repensar a própria prática educativa dos Surdos no Brasil, nesse sentido, a FENEIS, aqui apresentada como destaque do objeto de produção.

Portanto, não há como separar Neoliberalismo/FENEIS e Discurso/Práticas Educativo-Pedagógicas, pois o neoliberalismo faz parte do embate que a FENEIS vem enfrentando nas políticas educacionais e linguísticas dos Surdos. Ao extrair o discurso dos próprios feneístas conseguimos identificar a preocupação que têm com a prática educativa, enquanto sistema de ensino no contexto pedagógico, expressa em sala de aula pela e para a formação desses estudantes Surdos.

O itinerário deste artigo está em discorrer sobre o papel do movimento Surdo pela educação, via Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS, diante

² Convenção proposta por James Woodwars (1972) que diferencia o surdo com “s” minúsculo por sua condição audiológica de não ouvir, do Surdo com “S” maiúsculo como sendo um grupo particular de pessoas que partilham uma língua e uma cultura (Cunha Júnior, 2022, p. 19).



das incrustações da sociedade ouvintista que, direta ou indiretamente, molda ou forja políticas públicas para os Surdos no sistema educacional brasileiro sem contemplar as reais necessidades destes brasileiros Surdos.

Compreender que a organização política dos Surdos se apresenta como uma ação legítima em resistência às políticas neoliberais que reforçam os interesses do próprio Estado. Assim, romper com as correntes de uma política letárgica que, travestida de benevolência, não condiz com as pautas Surdas.

Nesse embate político, a Educação dos Surdos é o eixo fundamental para se rediscutir as práticas educacionais, o currículo escolar, a formação estudantil, a legitimidade de Surdos Professores na atuação educativa. Assim, a práxis, da prática para a teoria e/ou vice-versa, expandindo e garantindo visibilidade aos Surdos na educação bilíngue, de modo que a universidade possa oferecer um contributo significativo para reformular o sistema educacional brasileiro.

O itinerário desta produção apresenta a Base Teórica (subdividida em: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) como Intelectual Orgânico; Movimentos Sociais e Ações pela Educação de Surdos; Valores Morais e Mercadológicos na Educação; Despertar um novo olhar sobre os Surdos na Contemporaneidade: Igualdade, Diferença, Diversidade e Equidade; As Práticas Educativas; Pedagogia Surda e a Perspectiva Cultural), outro segmento importante deste artigo é a Metodologia de Análise que, por meio de corpus documental, relacionado à teoria de Le Goff, em consonância ao método do discurso, será fator importante para análise do discurso desses documentos, bem como atas, relatórios, poesia, etc; o Resultado Esperado advindo dessas análises metodológicas possibilitará a conclusão reflexiva entre as fontes primárias (documentos) e fontes secundárias (referências bibliográficas).

Aos leitores, desejamos que este artigo, proporcione reflexões críticas a respeito da educação brasileira de modo que as provocações possam emergir para novas pautas sociais e educativas em prol dos Surdos.

2 Base teórica

O itinerário da nossa base teórica se sustenta no âmbito da educação e da política, assim, em Gramsci (2011), tratar sobre os intelectuais orgânicos em sua formação cultural; Gohn (1997) sobre os movimentos sociais; para Dufour (2005) as críticas ao neoliberalismo são essenciais para compreender as contradições nas condições de valores humanos, enquanto Han (2022) preza pela crítica social na contemporaneidade. Nessa



direção, esses referenciais são oportunos e servirão de subsídios no âmbito educacional brasileiro em defesa dos direitos humanos das pessoas Surdas no Brasil.

Em se tratando de educação de Surdos, no Brasil, os referenciais: Cunha Júnior (2015; 2022; 2026) tem como pauta a militância da FENEIS pela educação brasileira, bem como as identidades nas práticas educacionais e pedagógicas; Campello (2008) em atuação da prática de ensino aos Surdos, a chamada pedagogia visual, oportuna para se compreender a formação e a prática de professores Surdos; Skliar (1998) e a crítica ao ouvintismo; enquanto Quadros (2024) preza pela educação bilíngue e aquisição de linguagem; Perlin e Reis (2012) reforçam sobre as identidades e culturas Surdas.

Para maior articulação dessa produção, os referenciais teóricos estarão em consonância com a análise educacional dos Surdos, portanto, subdividiremos da seguinte forma: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos como intelectual orgânico; também refletir sobre os valores morais e mercadológicos na educação nas práticas educativas, currículo escolar, formação estudantil e Surdos professores e práxis educacional, ou seja, da instituição escolar para a militância, da atuação política para a educação bilíngue ao ensino superior e da universidade à escola bilíngue!

2.1 Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos como intelectual orgânico

Para entendermos o papel da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) como Intelectual Orgânico, o referencial teórico foi resgatado por meio dos escritos do marxista filósofo Antônio Gramsci, vale ressaltar que esse autor nunca mencionou sobre a educação dos Surdos e nem sobre a FENEIS, mas os seus escritos são imprescindíveis para que possamos compreender a representatividade da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), em relação aos Surdos.

Portanto, analisar a categoria dos Intelectuais Orgânicos em Antônio Gramsci, em abordagem histórica, consiste em afirmar que os homens atuantes modificam a conjuntura de seu tempo considerando suas ações no que sempre fazem (fizeram e farão) e como parte da realidade que vivenciam.

Para Gramsci (2011)³, não existem intelectuais neutros, pois de acordo com a realidade que os incomoda formam opinião no grupo ao qual se relacionam em busca de

³ Os intelectuais são um grupo autônomo independente, ou cada grupo social tem uma sua própria categoria especializada de intelectuais? O problema é complexo por causa das várias formas que assumiu até agora o processo histórico real de formação das diversas categorias intelectuais (Gramsci, 2011, p. 15).



inverter a submissão do que é imposto pelo sistema. A esse respeito podemos refletir sobre o papel da FENEIS, como intelectual orgânico, nos debates sobre a estrutura educacional brasileira para Surdos. Para Gramsci (2011, p. 18), “seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”, ou seja, exercer em organização de modo engajado pela causa.

Os feneístas, como intelectuais orgânicos, não podem/puderam estar neutros, nem ficarem alheios às contradições do seu tempo. Nos conflitos que nortearam a história dos Surdos eles tiveram que tomar partido para entenderem e atuarem nas relações sociais. Precisaram, de fato, estar sintonizados com as dinâmicas sociais, políticas e econômicas do seu tempo. Desta forma, tornou-se importante para os feneístas conhecer o funcionamento da sociedade, como um todo, para descobrirem os mecanismos de dominação encobertos pela ideologia dominante e entenderem quais os enfrentamentos das classes, na disputa pelo poder.

Os Surdos intelectuais, apesar de despontarem como vítimas, dentro de um processo histórico majoritariamente ouvinte, em uma sociedade impregnada pelos valores capitalistas alicerçados no neoliberalismo, têm seu momento histórico decisivo por meio do papel desempenhado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Revestida, pelos questionamentos de seu tempo, a FENEIS empreende um movimento de luta real com o objetivo de suplantar o estado de defasagem educacional dos Surdos, a fim de encaminhar e concretizar a permanência dos estudantes Surdos em um espaço escolar adequado à sua realidade cultural.

Os intelectuais não são neutros, também, não são autônomos, por isso, há várias camadas de intelectuais: os grandes, médios e baixos intelectuais (Gramsci, 2011). Para sermos mais precisos, com base no movimento da FENEIS, há profissionais que acompanham o movimento dos Surdos pela educação apenas como expectadores, como alguém olhando ao longe, semelhante a um jornalista que transcreve um desses eventos, discorrendo, de forma subjetiva, apenas aquilo que ele vê, e somente naquele momento de interesse pessoal. Há aqueles, também, que apesar de pertencerem à causa Surda, exercem essa atividade sem o engajamento ideológico ou profissional, ficam de braços cruzados esperando que outro, mais ousado, exerça essa função.

Antônio Gramsci (1987) procurava compreender a categoria no interior das relações sociais. Apresentava os intelectuais intimamente entrelaçados nas relações sociais, pertencentes a uma classe, a um grupo social vinculado a um determinado modo de produção. Ao tratar da categoria Intelectual Orgânico esclarece que são as relações



sociais e materiais que levam a compreender atuações dos sujeitos, a saber, Surdos pela FENEIS.

Antônio Gramsci permite problematizar uma série de questões para compreendermos o nosso objeto de estudo, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no embate em torno das políticas educacionais para que os Surdos sejam atendidos em suas necessidades.

Oportuno considerar o desenvolvimento escolar, mas que não fique restrito apenas a instituição, em sentido lato precisamos pensar nas conexões com a sociedade. Para isso uma nova organização, via movimento de grupo destinado a promover a cultura que legitima a causa Surda, se faz necessário. A concepção e a função de Intelectual Orgânico, em Gramsci, ocorrem da seguinte maneira:

Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas, sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. (...) O enorme desenvolvimento obtido pela atividade e pela organização escolar (em sentido lato) nas sociedades que emergiram do mundo medieval indica a importância assumida no mundo moderno pelas categorias e funções intelectuais: assim como se buscou aprofundar e ampliar a "intelectualidade" de cada indivíduo, buscou-se igualmente multiplicar as especializações e aperfeiçoá-las. Isso resulta das instituições escolares de graus diversos, até os organismos que visam a promover a chamada "alta cultura", em todos os campos da ciência técnica. A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a "área" escolar e quanto mais numerosos forem os "graus" verticais" da escola tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado (Gramsci, 2011, p. 18-19).

Para Gramsci (2011), a escola tem um papel fundamental em instrumentalizar e elaborar os intelectuais de diversos níveis para um mundo cultural. Assim, no que diz respeito à educação dos Surdos, em cada período histórico, temos grupos de intelectuais cuja atuação possibilita o surgimento de uma nova categoria, a saber: os intelectuais orgânicos (FENEIS) com concepções práticas e teóricas. Isso não significa dizer que tenha ocorrido um rompimento pleno com o velho. O legado deixado pela Federação Nacional de Educação e Integração de Deficiente Auditivo (FENEIDA), extinta em 1987, serviu de aporte para a continuidade do movimento de luta dos Surdos, via Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), agora, um novo rumo e uma nova maneira de agir e encaminhar a causa Surda pela Educação.

Na época, em que a FENEIDA atuava, em 1977, de início, era considerada apenas como um grupo orgânico, porém, com os debates e os questionamentos ampliados pela



evolução das demandas dos Surdos, estes propuseram a criação da FENEIS e o fechamento da antiga entidade. Assim,

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político (...), o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc (Gramsci, 2011, p. 15).

Pode-se observar por meio dos escritos de Gramsci (2011), “que os intelectuais “orgânicos”, enquanto nova classe elaboram em seu desenvolvimento progressivo, na maioria dos casos, “especializações” de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a classe deu à luz” (Gramsci, 2011, p. 16), um contributo a um novo propósito.

Enquanto a FENEIDA, desde a época de seu surgimento, ainda estava impregnada das posições ouvintistas, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), enquanto entidade representativa surge como nova categoria, intelectuais orgânicos, organizadores de uma nova cultura (a cultura Surda) e de um novo direito: a educação.

Apesar do movimento e da nova organização do grupo dos Surdos, representado pela FENEIS, o legado da FENEIDA não foi desconsiderado, pois conforme a concepção gramsciana, “só se joga fora o desnecessário e se apropria de algumas concepções ainda consideradas importantes”, como, por exemplo, a experiência de atuação e de organização da instituição anterior.

Podemos entender como os Surdos insatisfeitos com os encaminhamentos de suas necessidades pela FENEIDA dão ensejo à criação de uma nova entidade representativa, a FENEIS. Embora com a permanência de alguns “antigos atuantes” os estímulos, pelo movimento de luta dos Surdos, foram reavivados no sentido de garantir, pela educação, a inserção dos Surdos.

Defendendo a ideia de que apesar de a escola ser a “sementeira” de Intelectuais Orgânicos, Gramsci (2011), reforçava que ela não é o único espaço para a formação de intelectuais. Neste sentido, entendemos que, na FENEIS, também se consolidou esse espaço de formação de Intelectuais, pelas práticas adotadas: como as cartilhas educativas e os serviços de atendimento, pela imensa distribuição de panfletos informativos, pelas reuniões, pelas assembleias gerais, pela defesa da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como reconhecimento linguístico da comunidade Surda, também pelo aumento significativo de entidades filiadas e engajadas, pelo espaço de trabalho conquistado. Além



disso, a importância da luta pela educação dos Surdos possibilitou, aos feneístas, continuarem despertando e integrando mais e mais Intelectuais Surdos. Portanto, “todos os homens são intelectuais” e “não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual” (Gramsci, 1968, p. 7).

Como podemos perceber, então, a atividade humana agregada em um movimento para se consolidar, torna-se necessário levar a efeito diversos fatores, historicamente constituídos. É nesse sentido que o movimento idealizado pela FENEIS não apareceu por acaso, mas emergiu em um contexto onde a situação real vivenciada pelos Surdos, bastante deteriorada, precisava ser mudada para uma nova forma, sonhada e postulada, para agregar valores Surdos em evidência, de modo a legitimar a educação de Surdos, o currículo escolar, a formação dos estudantes Surdos e valorização de Surdos professores pelo trabalho educativo.

Gramsci (2011), ao analisar as contradições da sociedade, de seu tempo, valoriza com singularidade o saber popular, defende a socialização do conhecimento que recria a função de intelectuais, conectando-os às lutas políticas. Nessa direção, a FENEIS atua em seu caráter contrahegemônico, ou seja, contra a hegemonia das políticas de condutas conservadoras (políticas do oralismo, ótica de uma educação especial, Surdos visto na condição de deficiência e caráter patológico). Nesse embate de hegemonia conservadora e de contrahegemonia de movimento político, é que a militância em condição de intelectual orgânico se instaura, com toda sua força, para conscientizar por meio do discurso, da política e da cultura um novo cenário histórico.

Portanto, Gramsci (2011) dizia que a “supremacia de um grupo social manifesta-se de duas maneiras”: como “domínio” e como “direção intelectual e moral”, ou seja, um grupo social é dominante dos grupos adversários que tende a “liquidar”. É no cenário político que a educação tanto como instituição quanto como nas ações pedagógicas, a tradicionalidade dominante visa impor métodos de ensino para aspirar aos seus próprios interesses, assim, coloca em crise e negligencia outros segmentos culturais de ensino. Em contra partida, por meio de embate e movimento contrahegemônico, são expressas novas formas culturais atreladas a uma nova cultura pedagógica, que seja correspondente a uma identidade de ensino-aprendizagem em seu contexto humanista.

Entendendo o estigma da rejeição histórica sofrida pelos Surdos podemos, também, compreender como isso se processou no âmbito educacional com o método da oralização. A educação especial estava atrelada a hegemonia da abordagem clínica-terapêutica. Durante décadas, os Surdos foram considerados inferiores no aspecto



cognitivo como que desprovidos de atividade intelectual, isso porque, o critério de distinção difundido pela concepção ouvintista desacreditava que os Surdos pudessem exercer livremente seu papel social. Desta forma, negaram também todo o conjunto do sistema de relações sociais e de grupo, nos quais os Surdos estavam inseridos. Entretanto, no sentido metafórico, o grito dos Surdos, nos movimentos contrahegemônicos, realizados pela FENEIS, dilacerou as amarras e forjou as condições instrumentais e ideológicas, plenas de atividade intelectual criadora, para tornar real, pela sementeira de escola libertadora, a inserção social dos Surdos.

2.2 Movimentos sociais e ações pela educação de Surdos

Essa mudança de entidade, para uma nova representatividade por meio do movimento, nos faz refletir nos escritos de Gohn (1997, p. 12), em especial, sobre os movimentos sociais, pois para essa autora “os movimentos transitam, fluem e acontecem em espaços não consolidados das estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política”, ou seja, no modo de inovar a luta, nas pautas e nas ações.

A compreensão de uma determinada realidade pelas ações dos indivíduos, conforme a historicidade que os envolvem, enquanto categoria produzida, ou seja, indivíduos que atuam em um determinado movimento, a exemplo da FENEIS em sua luta pela educação dos Surdos, permite que os demais participantes, conscientizados, se organizem a fim de melhorarem e aprimorarem suas condições de atuação e luta para alcançarem a educação desejada. Sendo assim, os Surdos são, categoricamente, os verdadeiros agentes transformadores de sua própria história.

Assim, Gohn (1997, p. 20), ressalta que,

(...). Enquanto a humanidade não resolver seus problemas básicos de desigualdades sociais, opressão e exclusão haverá lutas, haverá movimentos. E deverá haver teorias para explicá-los; esta é a nossa principal tarefa e responsabilidade, como intelectuais e cidadãos engajados na luta por transformações sociais em direção a uma sociedade mais justa e livre.

Diante, dessa busca por justiça, na realidade vivenciada, Gohn (1997) defende a importância de assumirmos responsabilidades como intelectual e cidadão engajado, a fim de poder transformar a própria realidade. Dessa forma, a FENEIS, pela contribuição de diversos intelectuais Surdos, aprofundou a maneira de fazer política, de compreender como, de quem e para quem, o sistema educacional brasileiro foi moldado.

2.3 Valores morais e mercadológicos na educação



Compreender que a Educação de Surdos na política neoliberal ao neoliberalismo mitigado, no contexto da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS, foi desenvolvida por meio de luta no sentido de desmistificar o sistema educacional brasileiro e apresentar toda trajetória histórica, política e discursiva das pautas que defendiam uma educação legítima para os Surdos.

É preciso, antes de tudo, destacarmos vertentes dentro do sistema educacional: de um lado está o aluno Surdo dividindo a mesma sala de aula com aluno ouvinte (os Surdos que não têm consciência da sua identidade cultural e linguística); há outra situação em que, apesar de dividirem o mesmo espaço físico da escola, ambos estudam em salas diferentes (sala só para Surdos e sala só para ouvintes) aqui pensando em sala bilíngue de Surdos ou em escola polo bilíngue de Surdos; a outra modalidade é a divisão por escola: o Surdo estuda em uma escola própria para Surdos (Escola Bilíngue de Surdos) e ouvinte em uma escola só para ouvintes, ensino regular. Também, não podemos esquecer, em escola ou classe especial, onde há, na mesma sala ou separadas, alunos Cegos, Síndrome - Down, Cadeirantes, Surdocego e outros com limitações físicas e intelectuais.

Essas estruturas escolares, no âmbito político, operam ou por conveniência (políticos que desejam votos escondem a verdadeira problemática na educação dos Surdos); e/ou por omissão (simplesmente, ignorando a realidade, arrastam o problema para o próximo resolver). Há, ainda, lacunas entre o “discurso” e a prática que destoa completamente da realidade em questão. Nessa direção, essas contradições são expostas por meio de manifestações e indignações, via FENEIS, com o objetivo de conscientizar, politicamente, para melhorar as condições educativas dos Surdos, ajustando o sistema educacional brasileiro às reais necessidades Surdas.

A conjuntura que ora se apresenta, em que se promete e se propaga o slogan de “educação para todos”, uma “educação de qualidade”, de fato traz contradições porque a sociedade e a educação não são homogêneas, pois os Surdos não tiveram o mesmo ponto de partida educacional que os ouvintes. Portanto, historicamente, um modelo de educação e de estudante foi posta, porém, não condiz com a prática pedagógica e curricular de Surdos.

Nesse itinerário político e histórico dos Surdos, para compreensão dos caminhos que a educação dos Surdos vem trilhando, está posto o desejo de buscar respostas para inovar as diversas interpretações sobre a prática educativa para Surdos. Assim, identificar



onde está o fio da meada que servirá para desvendar o que se convencionou chamar de inclusão e/ou exclusão.

Importante destacarmos que o itinerário educacional dos Surdos perpassa pela crise do capital, a espinha dorsal dos problemas que ainda se mantém vivo, quando os interesses estão atrelados ao jogo político neoliberal ou neoliberalismo mitigado, ou seja, tudo em nome da inclusão ou quando não há reconhecimento sobre a importância da formação de Surdos Professores, do currículo escolar e da pedagogia para a prática de ensino aos Surdos.

Nesse contexto de políticas neoliberais ou neoliberalismo mitigado, nos perguntamos qual o “valor” dos Surdos, especificamente da cultura linguística dos Surdos, como fundamento da educação de inclusão destes sujeitos?

Os valores (morais) não têm valor (mercadológico). Por não valerem nada, sua sobrevivência não se justifica mais num universo que se tornou integralmente mercantil. Além do mais, eles constituem uma possibilidade de resistência à propaganda publicitária, que exige, para ser plenamente eficaz, um espírito “livre de todo aprisionamento cultural”. A dessimbolização tem, pois, um objetivo: ela quer erradicar, nas trocas, o componente cultural, sempre particular (Dufour, 2005, p. 200).

Dany Robert Dufour nos ajuda a compreender a perda do significado que passa a ser qualificado, somente, como conceito. Ou seja, uma abstração que perde o sentido ético, moral, humanista e crítico. Sob a ótica restritiva neoliberal, qualquer tipo de simbologia cultural, exemplo da cultura dos Surdos, tende a ser substituída por um modelo único idealizado “para tudo e para todos”: a educação inclusiva. Sendo assim, o neoliberalismo descaracteriza o Surdo enquanto sujeito, sugerindo a idealizada inclusão. O que nos leva a nova pergunta: se acabarmos com esse símbolo o que virá em seu lugar? Dufour, responde: “Servidão simbólica: a expressão é ainda mais surpreendente porque nada pode permitir escapar a essa dominação radical do homem pela linguagem, exceto vendo-o perder sua humanidade e cair na barbárie” (Dufour, 2005, p. 194).

O interesse subtendido de aniquilamento velado através da rejeição e da sujeição desses estudantes Surdos reforça a negação subjetiva, os transforma, indiretamente, em mercadoria de valor mais barato, tornando-os “adaptativos” ou curvando-os diante da dominação, mas não destruindo o sonho de alçarem seus objetivos.

No âmbito da educação, quando tende a padronizar o currículo escolar, o perfil de professor ou do “fechamento” e/ou deslocamento de algumas escolas de Surdos, por influência dessa política de contenção de gastos, o remanejamento do contingente escolar passa a sofrer as consequências mais variadas possíveis. Pois, essa diáspora forçada pelos



mecanismos que ora se apresentam como a descentralização e municipalização do ensino desarticula com a formação da prática cultural e linguística dos Surdos.

Não podemos desconsiderar que a escola tem uma função importante, mas há controvérsia quando se considera um único modelo de escola ou de prática formativa. Ao condicionar a mentalidade com esse pensamento perde-se o sentido humano em não considerar as múltiplas culturas e ensino pedagógico.

Portanto, há necessidade de se repensar a prática educativa como agente histórico e transformador consciente. Por conta da racionalidade econômica que a envolve, a imposição de agentes externos (Banco Mundial, FMI, Agências Multilaterais), impacta na educação e na sociedade que precisa, conseqüentemente, compensar nas diferenças culturais para não distanciar o direito de oportunidades.

O acesso à reprodução das “relações de bem estar” é somente um jogo de palavras que em nada altera as precárias condições do espaço útil para que o Surdo possa desenvolver suas potencialidades cognitivas nas escolas que não apresentam condições de atendê-los.

2.3 Despertar um novo olhar sobre os surdos na contemporaneidade: igualdade, diferença, diversidade e equidade

A emergência em refletir sobre a Educação de Surdos resulta em despertar para um novo olhar sobre os conceitos de diferença, igualdade, diferença, diversidade e equidade. Em tempos atuais percebemos o aumento das sociedades desiguais. Por isso, além de relevante, este artigo, propõe reflexões diante das relações humanas e da justiça social, mais do que isso, perceber a importância do movimento Surdo pela educação, de modo que possamos transcender para a sua materialidade concreta de ações humanas, em correspondência aos valores linguísticos e culturais dos Surdos na e pela educação Bilíngue em seu processo de formação.

Em nosso cotidiano, o imaginário da igualdade, a todo instante, se contrapõe ao campo da desigualdade e da diferença. Isso ocorre devido ao conceito de igualdade ser dicotômico tanto em relação à desigualdade quanto em relação à diferença. Assim sendo, para se combater a desigualdade é preciso apreendê-la no seu sentido da ciência-humana.

A negatividade do outro dá a noção sobre a positividade do igual, em forma de proliferação da mentalidade social tanto em questões de normas comportamentalista quanto em pauta para um corpo social em nome da igualdade, que ainda carece ser



substantivada, de fato. Portanto, a recusa do outro leva a autodestruição quando se está olhando para a singularidade e perpetua a negatividade da dialética, ou seja, o igual, enquanto ideia de positividade, não alcança o seu devido espaço diante da inconsciência comatosa da negatividade do outro.

Para Byung-Chul Han,

O neoliberalismo produz uma injustiça massiva no âmbito global. Exploração e exclusão são constitutivos dele. Ele erige um panóptico que identifica como indesejável e exclui pessoas hostis ao sistema ou inaptas para ele. O panóptico serve ao disciplinamento, enquanto o banóptico à segurança. Mesmo no interior de zonas de bem-estar ocidentais, o neoliberalismo acentua a desigualdade social. Ele elimina, em última instância, a economia social de mercado. Já o inventor do conceito "neoliberalismo", Alexander Rüstow, constata que a sociedade, entregue inteiramente à lei de mercado neoliberal, torna-se mais desumana e produz carências [Verwerfungen] sociais. Por isso, ele indica que o neoliberalismo tem de ser complementado por uma "política vital que estimule a solidariedade e o sentido [para o] comum. Sem essa correção vital-política do neoliberalismo, surge uma massa insegura e conduzida pelo medo, que se deixa facilmente ser cooptada por forças nacionalistas e populistas (Han, 2022, p. 26).

Nesse sentido, a contrapartida está na própria dialética, da vida em partilha, da reciprocidade, nos conflitos originados nas relações de vivências e, no externar traços de formações culturais, em percepções de mundo. Portanto, o mesmo neoliberalismo que desumaniza, fragmenta e fragiliza as relações humanas, busca por meio de propaganda benevolente, mascarar ações em nome da universalidade, mas, na prática, não corresponde com a heterogeneidade educacional, cultural, linguística e social.

A singularidade, sem considerar os valores morais nas práticas educativas no currículo escolar para a formação estudantil e valorização de Surdos professores, tem causado preocupações por conta da política neoliberal que “tende” aspirar um discurso que não condiz com a realidade educacional Surda. O contexto histórico e educacional dos Surdos encontra-se diante desse labirinto conceitual: diferença, igualdade, diversidade, integração, inclusão, exclusão e apartheid.

Para Han (2022, p. 62), “o ego fortalecido, que é fomentado e explorado pelas relações de produção neoliberais, é cada vez mais separado do outro”, nesse sentido, “tornamo-nos, então, resistentes à voz e ao olhar”, diante da negatividade do outro. Da expressividade dessas contradições surge um movimento opositor, que a própria militância Surda, via FENEIS, impulsiona o senso crítico reflexivo para se repensar sobre ações, imprescindíveis, em defesa da Educação Bilíngue de Surdos.

Assim, inspirado na Educação Bilíngue de Surdos para a emancipação e diálogo intercultural em seu processo humano educativo que necessita enfatizar cada vez mais



um currículo engajado em prol da perspectiva linguístico-cultural Surda, ou seja, uma democracia curricular participativa e ativa da comunidade escolar Surda, para construção de propostas pedagógicas para valorização da diversidade linguística, cultural e da revisão crítica dos sistemas de avaliação. Dessa forma, a Educação Bilíngue de Surdos precisa se alinhar com a justiça social, para ampliar suas representatividades de profissionais e de professores qualificados, de modo a enfrentar e dissolver as desigualdades estruturais que atravessam a sociedade.

De fato é transformá-lo em instrumento de emancipação e requer posicionamento político, um compromisso ético com a pluralidade epistemológica. Ao reconhecer que o saber válido é socialmente produzido, abre-se a possibilidade de reconstruí-lo de forma mais democrática e socialmente justa. Assim, pensar a formação de formadores no campo universitário em nossa contemporaneidade a partir da equidade não é apenas exercício acadêmico, mas ato político e de afirmação do direito de todos os sujeitos ao reconhecimento de seus saberes culturas e de identidades no espaço Escolar Bilíngue de Surdos.

Para alcançar a qualidade de ensino almejado para a formação estudantil dos Surdos, a todo o instante, oportuno fazermos uma restropectiva critica para filtramos os avanços e as ajustes nas esferas institucionais escolares e precisamente nas práticas educativas.

2.4 As práticas educativas

A trajetória das práticas educativas, pela educação especial, em recorte nos anos sessenta, setenta, oitenta e início dos anos noventa do século XX, segundo Cunha Júnior (2015, p. 278), quando “ainda estava arraigada em Escolas Especiais, a concepção dos sujeitos Surdos como ser doente/deficiente/inferior” fez com que a mentalidade social percebesse, negativamente, o Ser Surdo, de modo que as instituições educativas viam na incapacidade de ouvir dos Surdos um problema ao seu aprendizado.

Infelizmente, “esse argumento carregava vestígios paternalistas atrelados em uma postura ouvintista de normalidade em que o diferente era anormal”, ou seja, no âmbito da Educação Especial, “os Surdos eram tratados sob o conceito de alunos “especiais””. Porém, o afastamento dessa perspectiva, pelas ações contundentes dos feneístas, segundo Cunha Júnior (2015, p. 278) “surtiu efeito esperado e, finalmente, os Surdos deixam de fazer parte do enfoque conceitual clínico medicalizador subentendido no contexto da



chamada Educação Especial”. Portanto, nas práticas pedagógicas na educação especial, prevalecia uma “pedagogia oral-auditiva”⁴ que era regulada pelo professor ouvinte com pleno controle sobre os estudantes denominados de deficientes auditivos, nomenclatura que associava a surdez na condição de incapacidade. O trabalho pedagógico visava ensinar a linguagem, por meio de atividades estruturais sistemáticas com o intuito de reeducar auditivamente a criança Surda, por meio de ampliação dos sons juntamente com as técnicas específicas ao método do oralismo, ou seja, a oralidade⁵. Faziam parte de profissionais que atuavam nesse espaço institucional: otorrinolaringologista, fonoaudiólogo, psicólogo, professor de fala.

O modelo linguístico era o oralismo e o português escrito e oral, a língua utilizada. Infelizmente, nesse ambiente, não se admitia o processo intercultural porque havia a crença de que o Surdo possuía a mesma cultura dos ouvintes. Os reclamos e reivindicações de Surdos, nesse contexto institucional e escolar, foram ignorados, pois tanto a escola quanto a família eram orientadas a reforçar a terapia da fala.

Em percurso, a FENEIS em busca de uma prática educativa eficiente, no período dos anos noventa, com o advento da chamada política de inclusão, sob a ótica do neoliberalismo ou neoliberalismo mitigado, Cunha Júnior (2015, p. 80) faz uma “analogia ao sistema educacional” considerando “como uma moeda, cuja borda entre as duas faces (inclusão/exclusão), está sutilmente alojada tudo aquilo que podemos chamar de Apartheid”, ou seja, “aqui apresentado como uma espécie de segregação educacional tanto aos estudantes Surdos”, quantos aos Surdos Professores.

Infelizmente, de forma entrelaçada ao cotidiano, sutilmente, há um convite velado a ir-se “mudando sem mudar”, ou seja, uma imposição no sentido de forçar a aceitação, para estar do “outro lado da mesma moeda”. Enquanto isso, na borda, dessa mesma moeda, aprisiona-se, em condição desumana, letárgica e de estranhamento, o sujeito Surdo.

⁴ Esse termo “Pedagogia oral-auditiva” está no documento da FENEIS, na revista da FENEIS, ano VII, n. 32, jun. 2007. p. 27.

⁵ Favorito (2009) explica que o oralismo é um método ancorado na oralização, ou seja, tem como objetivos o treinamento auditivo e o aprendizado da linguagem oral, partindo do princípio de que o indivíduo Surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral. Nessa perspectiva, calcada em uma visão clínico-terapêutica da surdez, a língua de sinais é vista como obstáculo à aquisição da fala, sendo desestimulada e, muitas vezes, até mesmo proibida.



A prática educativa dos Surdos, no âmbito da educação de inclusão, conhecida como “pedagogia de aprendizagem híbrida/mista”⁶, se processa nos anos noventa com professor ouvinte que domine a língua oral e a “língua sinalizada”. Os estudantes são denominados de “surdos” ou “deficientes auditivos”, ainda atrelados com aquela ótica patológica diante de uma sociedade ouvintista. Portanto, a surdez é considerada como uma patologia e ora como “significação social” (em contexto da transição e reconhecimento da Libras – Lei 10.436/2002 como pauta social e educacional). O trabalho pedagógico em sala de aula estava pautado na fala, na leitura labial, na escrita, no desenho.

No período em questão, os principais profissionais eram os professores ouvintes que se expressavam por meio do português sinalizado, ou seja, a sinalização seguindo o português. No entanto, o modelo linguístico era a comunicação total, em alguns casos somente o português, nesse sentido, a língua era o português-oral, escrito, às vezes sinalizado ou português sinalizado, dessa forma a Libras estava em defasagem na comunicação e na compreensão na formação educativa. Não havia, por assim dizer, questões culturais e valorização contemplativa para os estudantes Surdos em escola de inclusão, mesmo em alguns locais de instituição de inclusão com sala de recursos ou mediação de intérpretes⁷, “a pedagogia de aprendizagem híbrida/mista” não era contemplativa a perspectiva cultural e linguística Surda.

A Associação de Surdos via FENEIS ganha força para reinterpretar essa realidade, pois no que pese os estudantes Surdos serem aceitos em sala de aula, a questão estava conferir se, de fato, eram valorizados, pois os familiares, obrigados a aceitarem a comunicação total, admitiam qualquer tipo de comunicação. Sendo assim, supõe-se que

⁶ Esse termo “pedagogia de aprendizagem híbrida/mista” está no documento da FENEIS, na revista da FENEIS, ano VII, n. 32, jun. 2007. p. 27.

⁷ Vale ressaltar que a sala de recursos ou sala de aula com a “presença” de intérpretes de Libras foi “considerada”, somente, após a Lei de Libras 10.436/2002, oficializada pelo Decreto 5.626/2005. Embora, alguns desses profissionais, apareçam em contexto escolar de “inclusão”, as problemáticas inerentes ao espaço de formação estudantil, pensado para os Surdos, são complexas. Há ausência: de um currículo escolar; de formação de professores; de empatia; de respeito cultural e linguístico. Antes da Lei de Libras os estudantes Surdos alocados em sala de aula estavam ali, apenas, em caráter somatório, pois não havia a presença de profissionais e intérpretes de Libras. Em processo árduo, os Surdos buscavam romper essa muralha cultural desejando alcançar o “mínimo de aprendizagem”. No contexto da lógica do Neoliberalismo, “a inclusão para todos” ou “a inclusão de qualidade”, etc., tinha como prioridade a Progressão Continuada defendendo a ideia da não reprovação. Essa proposta foi adotada no Brasil a partir de 1996, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Essa estratégia pedagógica buscava reduzir a reprovação e “melhorar a qualidade do ensino”, ou seja, essa lógica permitia que os estudantes avançassem sem a possibilidade de reprovação anual. Consequentemente, trouxe impactos negativos aos Surdos, pois eram aprovados automaticamente, em preenchimento institucional e burocratizado, sem formação adequada.



nem sempre a Libras era respeitada em seu processo de gramatização e de comunicação expressiva via visuo-espacial.

Diante desse cenário educativo, Cunha Júnior (2015) enfatiza sobre a desconfiança por parte da FENEIS uma vez que não havia certeza se esse seria o caminho ideal para o processo formativo e estudantil dos Surdos, pois o processo além de apresentar diversas contradições a realidade têm se apresentado em defasagens no âmbito cultural, linguístico e curricular de ensino na escola de inclusão. Preocupada em aprofundar a análise das questões em evidência a FENEIS buscou novas pautas para a prática educativas, o intuito estava em reestruturar o currículo formativo e cultural com ênfase na Educação Bilíngue de Surdos.

Mediante toda experiência adquirida em seu percurso histórico, o caminho pensado pela FENEIS para a formação educativa dos Surdos, com professores bilíngues, priorizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras), na condição de primeira Língua (L1) e o Português na modalidade escrita na condição de segunda Língua (L2), para a prática educativa, a Pedagogia Bilíngue⁸ é aquela que representa um salto qualitativo, no processo de aquisição de ensino-aprendizagem para que os Surdos não sejam vistos como “surdos” no sentido patológico⁹, mas com uma especificidade com diferencial cultural e linguístico.

Assim, o processo intercultural, as habilidades e competências apresentam em face da necessidade de o sujeito Surdo posicionar-se frente às diferentes culturas em suas peculiaridades. Em consonância a isso, a FENEIS, expressa a total parceria e apoio a Educação Bilíngue de Surdos, essa parceria valorizada, sobretudo, aos familiares desses estudantes, conscientizados e orientados sobre a importância do aprendizado da Libras para comunicação sinalizada com os filhos Surdos, como também, do português no desenvolvimento da escrita.

Compreender essas práticas educativas em que os estudantes Surdos estão inseridos permite não apenas identificar as relações de ensino-aprendizagem no âmbito

⁸ Esse termo “Pedagogia Bilíngue” está no documento da FENEIS, na revista da FENEIS, ano VII, n. 32, jun. 2007. p. 27.

⁹ Quadros (1997, p. 23) aponta que “a realidade vivida pelos surdos e os atrasos sofridos com o impacto histórico do oralismo gerou uma situação cultural bastante visível. Segundo a autora, ao observar alguns surdos, constatou que, após terem passado anos e anos em uma escola treinando a fala com reforço entusiasmado dos professores, tudo que haviam aprendido de nada havia contribuído para a sua integração social. Em consequência de tal decepção e sentindo-se enganados pelos profissionais, essas pessoas escolheram nunca mais usar a voz”. Diante dessa conturbada realidade, os Surdos apontam para uma nova perspectiva linguística que é a valorizar a Língua de Sinais, ou seja, a Libras para aquisição de conhecimento, interação social e cultura.



das instituições escolares por meio da mentalidade social de cada período, mas, também, a condição formativa desses estudantes Surdos. Assim, oportuno considerar uma Pedagogia Surda em perspectiva cultural.

2.5 A pedagogia Surda e a perspectiva cultural

Valorizar a Escola Bilíngue de Surdos torna-se fundamental e um salto significativo para se pensar a valorização curricular e formativa desses estudantes Surdos para conhecimento de mundo e da realidade em posição crítica, na condição de Sujeito ativo e não na condição de objeto de estudo e de estigma social e educacional.

Portanto, para uma releitura sobre a Educação de Surdos no Brasil, devemos considerar como ponto de partida a própria Educação Bilíngue de Surdos, na prática de ensino ao processo formativo do ensino médio ao superior como processo cultural.

Observadas essas questões, as autoras Campello (2008); Perlin e Reis (2012) serão fundamentais para dissercarmos reflexões fundamentais quanto a prática de ensino aos Surdos.

A autora, Surda, Campelo (2008), quando trata do processo pedagógico, entende a educação de Surdo, como instrumento de crítica social e cultural, assim, em se tratando de Educação Bilíngue de Surdos, a prática de ensino deve ser apresentada não somente pela descrição imagética, mas saber interpretar de modo a deslocar o verbal-escrito para uma nova forma de aquisição de conhecimento em sua visualidade linguística.

Vale ressaltar que, as aulas, em suas imagens e interpretações, constrói conhecimento, partilha saberes e valoriza o processo visuo-linguístico em aquisição de aprendizagem, ou seja, um novo desenvolvimento cognitivo, no sentido de que a língua de sinais, conforme Campello (2008) permite transferências visuais em suas múltiplas dimensões que entrelaçam nos discursos e representações visuais. Da mesma forma, percepção cultural por meio de “Olhares surdos”¹⁰, como processo de comunicação, informação e aprendizado¹¹.

Perlin e Reis (2012), autoras Surdas, buscam romper com a hegemonia do ouvir, ou seja, advinda da sociedade ouvinte com aquela possibilidade da norma, com isso, o

¹⁰ Campello (2008).

¹¹ Fazer uso de recursos visuais na comunicação significa para nós sujeitos surdos, um resgate cultural, uma possibilidade de recriarmos no interior do currículo nossa cultura, nossa língua, nossa comunidade, principalmente, representar a surdez enquanto uma diferença cultural e não uma deficiência. Isso significa olhar a surdez a partir de seus traços culturais, afastando-se do olhar patológico, da enfermidade e da normalização. (Rangel, 2022, p. 81).



preconceito imperava. Contra essa hegemonia, pensando na emancipação educativa dos Surdos, deve-se buscar a valorização de identidades, em transformação por meio das diferenças.

Romper com a prática de governabilidade advinda de cima para baixo, onde prevalece total controle e assujeitamento dos Surdos numa espécie de repressão da liberdade de expressão, ou seja, um amordaçamento linguístico cultural. Por isso, as autoras Perlin e Reis (2012) rompem com essa lógica, em perspectiva da valorização da educação bilíngue e de uma perspectiva cultural, de modo que possa haver uma emancipação humana e de respeito mútuo. Assim, enfatizam:

De nossa parte, não acreditamos em (...) sujeitos denominados de menos válidos, não acreditamos em educação que leve a uma única grande prática pedagógica. Acreditamos em sujeitos diferentes, em identidades diferentes, em uma educação, para não dizer menor, dizemos própria, específica, ou seja, pedagogia do surdo, pedagogia bilíngue para surdos. Não acreditamos em um país monolíngue em surdo monolíngue muito embora seja possível, acreditamos em uma língua eficiente e rica e também acreditamos em uma sociedade onde os grupos se diferenciam em suas práticas (Perlin; Reis, 2012, p. 30-31).

Há uma “composição de forças” nas práticas de relações que operam para transformar. Para Perlin e Reis (2012, p. 42), o “espaço onde o surdo percebe a existência da discriminação e articula significados referentes essa visibilidade epistemológica e os termos apropriados ouvintismo¹²”, ou seja, “como querem alguns significando os valores próprios através de embates constantes e questionadores do poder ouvinte que ronda com suas questões de superioridade”. Ato contínuo é preciso valorizar o Sujeito Surdo, como ponto de partida, nesse sentido a pedagogia bilíngue transforma o contexto de inserção dos sujeitos Surdos deslocando-os das práticas de dominação e subjugação.

Em Perlin e Reis (2012, p. 42-43), a Pedagogia Surda para a prática de ensino-aprendizagem em seu processo formativo quebra qualquer forma de preconceito. Portanto os “espaços dos professores surdos das escolas de surdos é um dos mais instigantes”, ou seja, o “professor surdo que atua como construtor de novas referências” pode reiteirar a “pedagogia dos surdos, uma pedagogia que tem seus aportes na pedagogia cultural” e um “espaço que reivindica a presença da cultura na sala de aula dos surdos, bem como reinscreve uma pedagogia cultural para as identidades surdas”. Outro ponto essencial diz respeito aos “processos linguísticos captados pelos que se dedicam a identificação e ao

¹² Conforme Skliar (1998, p. 15), o ouvintismo “trata de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se e a narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais”.



ensino da língua de sinais” para o conhecimento necessário, de modo a envolver os processos culturais Surdos dentro do ambiente escolar. Essa prática possibilita desenvolver com legitimidade as disciplinas em programas curriculares, bem como: a arte Surda, pintura, teatro, tecnologia digital e outros campos dos saberes.

A educação não se desenvolve de forma individual, mas colaborativa na transformação da sociedade em suas dimensões políticas, linguísticas e culturais, para a construção do conhecimento. Destarte, interação, desenvolvimento de habilidades, senso de pertencimento são conceitos que contribuem na formatação de uma nova realidade para um desenvolvimento de educação emancipatória.

A instituição escolar, que aplica sua prática de ensino e modelo pedagógico para a emancipação cultural Surda, seja em currículo que valorize o ensino em Libras nas diversas disciplinas, literatura Surda, materiais pedagógicos com jogos lúdicos para Surdos e a presença de Surdos Professores, vai acarretar um olhar crítico e diferente de se buscar novos caminhos para que estudantes Surdos, ao ingressarem em universidades, possam ser agentes de uma nova história, conscientizando o campo acadêmico para uma perspectiva de formação de formadores.

Mediante a esse processo educativo dos Surdos, o questionamento está em saber qual o papel da militância Surda pela educação nas questões discursivas? A seguir, a pesquisa se sustenta por meio de corpus de análise documental: jornais, relatórios, atas, manifestos, sobre o papel da militância Surda, via FENEIS, nos embates discursivos e dos direitos educacionais dos Surdos.

3 Metodologia de análise

A metodologia, como corpus a análise documental, qualitativa, foi prospectada de jornais, relatórios, atas, manifestos, sobre o papel da militância Surda, via FENEIS. Para isso, os escritos do historiador Jacques Le Goff (2003) trouxeram compreensão de que a história dos acontecimentos remete a memória um olhar reflexivo e crítico. Assim, a análise dos embates discursivos, por meio da Eni Orlandi (2007; 2015), trará discernimento sobre as formas discursivas e suas significações.

Assim, os documentos (que são fontes primárias de documentos produzidos pela FENEIS - jornais, relatórios, revistas, panfletos etc.) são instrumentos que ajudará a compreender o papel da FENEIS em prol da educação e de seus posicionamentos. Portanto, analisar esses documentos, em seus fragmentos, com suas peculiaridades,



contribui para uma nova interpretação em compreensão histórica da ação empreendedora desta instituição representativa mostrando que ela não está isolada no tempo e no espaço, mas recupera a memória coletiva no âmbito econômico, político, cultural e educacional e a metamorfoseia a uma nova realidade.

Dessa forma, Le Goff (2003, p. 469) reitera que “a importância do papel que a memória coletiva desempenha” é crucial, portanto “a história como ciência e como culto público” enquanto “reservatório (móvel) da história”, possibilita desvendar um modo “rico em arquivos e em documentos/monumentos” registros, ao mesmo tempo extrair da memória coletiva “questões das sociedades desenvolvidas em vias de desenvolvimento”, ou seja, analisar a história enquanto movimento (passado-presente, em seu processo de diálogo, reflexões e análise crítica).

Assim, o pesquisador deve sempre refletir o contexto histórico e dialogar com as fontes, portanto Le Goff (2003, p. 471) enfatiza que a “memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, ou seja, devemos “trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. Devemos considerar que a análise documental, em sua metodologia de *corpus*, deve ser conduzida sem manipulação que altere sua configuração para que, assim, seja possível articular a construção de sentido extraída na análise discursiva.

Como fruto de uma determinada mentalidade social, toda a forma discursiva, segundo Orlandi (2007), tem a sua ideologia porque está conectada ao sujeito historicamente constituído. Portanto, trata-se de forma-sujeito em sua materialidade real, nas relações sociais, expressa em sua interpretação de sentido.

Em análise, pelo discurso, a “*FENEIS luta e segura à bandeira "Brasilencioso", trabalhando para a integração na sociedade sem discriminação, promovendo encontros em todos os estados do Brasil* (FENEIS: Relatório Anual 1988, p. 5)”. Nesse discurso, o termo “Brasilencioso” (Brasil e Silêncio) expressa uma justaposição, caracterizado como uma polissemia que apresenta duplo entendimento, seja pelo silêncio das autoridades brasileiras diante das reivindicações dos Surdos, seja em forma de um silêncio questionador (sinalizado), uma bandeira antidiscriminação, do povo Surdo, com forte engajamento político e ideológico, em busca de integração social. Nesse processo, Orlandi (2007) explicita que o discurso aqui envolvido, se apresenta como uma manifestação da enunciação, ato de mobilização e de relação de poder.



A consciência política, linguística, cultural e educacional torna-se fundamental para romper a ordem hegemônica e é na esteira dessa compreensão e da experiência que a FENEIS percebeu a importância de se ampliar as pautas para a integração dos Surdos na sociedade. Assim, conforme o discurso da Surda Ana Regina e Souza Campello:

A partir da consciência que tivemos de nossos problemas e dificuldades é que se poderá desenvolver um trabalho efetivo na área da saúde, área social (trabalho, transporte, comunicação, etc.) e especialmente a educação especial. (Ana Regina e Souza Campello, Relatório Anual de 1988, p. 1).

Aqui, nesse discurso, são expressos três marcadores que podemos analisar: os problemas sociais nessas relações de vida cotidiana; a busca para superar essas dificuldades e, por último, em especificidade, a educação como pauta essencial para a compreensão discursiva, ou seja, uma visão que parte do macro para o micro. Dessa forma, a autora Orlandi (2007) nos alerta que o modo estratégico de comunicação está na materialidade linguística discursiva, no sentido de que o discurso sempre vai aparecer para outro discurso, considerando o enunciado e o gênero do discurso, em prática social.

Oportuno identificarmos que toda análise do discurso é fruto de um determinado contexto, como é o caso da pauta discursiva da época e que trazia a temática sobre a educação especial. Atualmente, o movimento Surdo, como já observamos, defende a educação bilíngue de Surdo, por isso precisamos analisar cuidadosamente cada momento cronológico, em cada tempo, para não incorrerem em anacronismo analítico.

Foi agindo desta forma que a “*FENEIS fez um trabalho educativo e assistencial, junto à pessoa surda desde o ano de 1987, ano de sua fundação, e muito se fez e muito se aprendeu na sua luta diária para uma melhor integração social do surdo* (Relatório Anual de 1988, p. 3)”. Nesse sentido, Orlandi (2007) explica que o processo discursivo apresenta sua significação pelo contexto discursivo, como também, a noção de sentido pela noção de sujeito, ou seja, considerar a época em que o sujeito discursa para saber se a manifestação discursiva está de acordo com a realidade que se vivencia.

A compreensão das políticas em educação, direcionadas ao segmento Surdo, foi possibilitada pela ação efetiva e pelo engajamento da FENEIS nos diversos posicionamentos discursivos onde a militância Surda defendia a “*necessidade de modificar a estrutura do ensino especial, para atender as necessidades dos surdos, principalmente nas rendas mais baixas e da ausência de professores especializados* (Idem, Relatório Anual de 1988, p. 14)”. Conforme Orlandi (2015), dos conteúdos extraídos por meio do discurso foi possível perceber a precarização da estrutura educacional no ensino especial diante da condição subalternizada de não atender com



eficiência as pessoas de rendas mais baixas, bem como a ausência de formação de professores qualificados para o contexto de ensino-aprendizagem.

Em único discurso, torna-se possível apontar análises diversificadas seja no campo sociológico, pedagógico e/ou político quanto ao sistema educacional dos Surdos. Nessa circunstância, em documento datado de 1994 (diferentemente do que foi apresentado em 1988), a FENEIS reiteira que durante anos “*o INES foi a única escola especial para surdos. Tanto assim que até hoje é considerado importante referência educacional* (Idem, Relatório Anual de 1994, p. 4)”. Se Orlandi (2007) considera que um discurso apresenta seu marcador histórico, aqui destacamos o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) como sendo esse marcador para os Surdos uma vez que se constituiu, historicamente, por meio do próprio discurso dos feneístas, como referência institucional e de onde se espera que seja reestruturada a prática educativa.

Conforme o documento do Relatório Anual da FENEIS, de 1994, em ressalva, para superar essa mentalidade social sobre a Educação Especial, a transição política, desse período, se pauta pela lógica da educação de inclusão. Em busca do que poderia ser o melhor caminho educacional. A par desses elementos, o Surdo feneísta Antônio Campos de Abreu, expressou que:

O surdo não se colocou acomodado esperando de braços cruzados a ajuda de órgãos governamentais ou não governamentais em busca de um ato caridoso. Sujeito de sua própria ação, ele não se sentiu coitado e partiu para a luta com suas próprias armas em busca de uma real integração e da satisfação de suas reais necessidades de comunicação. Esta luta é travada dia a dia com profissionais, pais e outros segmentos sociais, já que seu objetivo visa à derrubada do muro que separa surdos e ouvintes (Antônio Campos de Abreu, FENEIS: Relatório Anual de 1997, p. 4).

Aqui, um discurso forte, de atuação simbólica, mas efetiva e política “*ele não se sentiu coitado e partiu para a luta com suas próprias armas em busca de uma real integração e da satisfação de suas reais necessidades de comunicação*”, Orlandi (2015) em análise de discurso, nos alerta sobre os efeitos de sentidos que produz, “luta com as suas próprias armas” e isso nos remete a um ato de bravura revolucionária onde há embate ideológico, institucionais e de sujeitos. De um lado os Sujeitos Surdos em luta por valorização social, comunicacional e educacional; de outro, os órgãos governamentais, posições paternalistas e ouvintistas. A expressividade, nesse discurso, se manifesta na tomada de posição de Sujeito consciente que age conforme o tipo de tratamento do grupo social a qual pertence.

Diante de uma política de educação de inclusão, a problemática e a luta travada a qual é mencionada nesse documento, diz respeito aos profissionais pela educação na



escola de inclusão, onde não há professores Surdos e muito menos a valorização linguística aos Surdos, nesse espaço educativo.

Assim, para a formação de estudantes Surdos, nesse espaço de “ensino-aprendizagem”, a FENEIS apresentou, em seu jornal, um poema que traz o título: “*Você precisa ser Surdo para Entender...*”, de Willier J. Madsen, datado de novembro de 1995, em que apresenta suas contradições na prática educativa e formativa. O poema discorre sobre, “*o que é ser uma pequena criança na escola, numa sala sem som com um professor que fala, fala e fala e, então quando ele vem perto de você ele espera que você saiba o que ele disse? Você precisa ser surdo para entender!*”. Ato contínuo permite refletir sobre a problemática da política de educação inclusiva por não corresponder, de fato, com as caracterizações culturais e linguísticas dos Surdos devido a existência de uma barreira que impede a socialização do saber, ou seja, um modelo de ensino curricular que não condiz com o processo formativo desses estudantes Surdos.

O discurso poético e denunciativo, expressa preocupação com a ação de uma ideologia de dominação ouvintista sobre os educandos Surdos que intenta aliená-los a uma única condição pedagógica de ensino-aprendizagem. Nesse processo antagônico, o movimento Surdo busca efetivar a emancipação humana e se desvencilhar da hegemonia política educativa que apresenta um único modelo de professor e aluno.

Essa denúncia poética mostra a relação entre opressor-oprimido, naquilo que Orlandi (2007) destaca como uma ideia de conflito onde as “relações intersubjetivas são governadas por uma tensão básica em que o tu determina a tirania do (eu) primeiro sobre o segundo”. A ruptura dessa relação conflituosa desconstrói e quebra o discurso ideológico subtendido no discurso poético. Por meio de grande mobilização, em prol da educação, a FENEIS busca traçar novos caminhos no cenário político educacional e, assim, romper com a estrutura dominante.

É como se despertássemos um leão dentro de nós e a vontade de lutar e de fazer justiça. A grande mobilização que a comunidade surda fez no Planalto e no MEC mostra que estamos verdadeiramente unidos no mesmo objetivo: cuidar do futuro das nossas crianças. Nesse ponto, todos concordam. A escola bilíngue é comprovadamente a melhor para a socialização, alfabetização e inclusão social de surdos (Presidenta da Feneis - Karin Strobel, Revista da Feneis, 2011, p. 3).

Conforme o relato, a militância e engajamento pela Escola Bilíngue de Surdos foi considerado o melhor caminho para suprir as lacunas na educação de Surdos. Assim, em seu discurso a presidenta da FENEIS a época, ano de 2011, Karin Strobel, expressa que a luta pela Escola Bilíngue de Surdos pode ser entendida, figurativamente, “*como se*



despertássemos um leão dentro de nós e a vontade de lutar e de fazer justiça”, um símbolo de bravura e de força. Assim, em Orlandi (2007) entendemos que esse modo discursivo, expressa uma ressignificação do Sujeito, o reconhecimento do Eu e da Reconstituição de Identidade no cenário político, em evidência, ou seja, uma enunciação comunicativa que manifesta efeito de sentido.

Conforme os escritos de Karin Strobel, “cuidar do futuro das nossas crianças” a “escola bilíngue é comprovadamente a melhor para a socialização, alfabetização e inclusão social de surdos”. Esse discurso traz os objetivos em seu marcador social, histórico e educacional, ou seja, eliminar a hegemonia homogênea ouvintista, criar uma enunciação discursiva heterogênea e levantar pautas como: “crianças Surdas, educação bilíngue, socialização, alfabetização e inclusão social dos Surdos”. Essas caracterizações, conforme Orlandi (2007), “são formas de manifestações dessa heterogeneidade discursiva”.

Portanto, uma conquista importantíssima para se repensar a Educação Bilíngue dos Surdos como processo transformador, histórico, em que os Surdos vivenciaram e vivenciam para melhores oportunidades de acesso a um novo ambiente escolar a fim de se alcançar, com qualidade e equidade, o espaço acadêmico de aprendizagem para novas formações de formadores, na contemporaneidade. Um novo tempo oportuno para ressignificar a prática educativa, o currículo escolar, a formação e a mudança de perfil de professores para Surdos Professores no contexto de ensino-aprendizagem aos Surdos.

4 Resultado esperado

O resultado esperado, por meio dos documentos e análise dos discursos, se configurou na identificação das ações e potencialidades políticas dos fenístas e trouxe compreensão de que, nesse novo posicionamento, o embate não está isolado, pois as relações de força e de poder se entrelaçam nos discursos como marco histórico em prol da Educação de Surdos.

De maneira geral, o itinerário educativo fundamenta-se na presença das peças que vão se encaixando e repercutindo em cenário cultural, político, histórico e linguístico. Assim, legitimando a causa e efeito dessa análise.

Do ponto de vista analítico é possível compreender os fatos históricos de acordo com os relatos de cada período, em consonância com a mentalidade cultural e social de seu tempo. Contudo, enquanto a educação vai apresentando suas caracterizações, em cada



momento abordado, para nós pesquisadores, muito frequentemente, as formas discursivas arraigadas no nosso cotidiano são determinantes para novas reflexões, e reestruturação discursiva, na interpretação de questões relativas ao nosso tempo atual.

5 Conclusão

A escola simplesmente não se modifica por si mesma, mas, por ações e reações conforme o itinerário que apresentamos tanto na base teórica quanto na metodologia de análise, ou seja, o fluxo de influência participativa e interativa dos grupos que objetivam conquistar o seu espaço de direito e lugar de consciência. Fator essencial e legítimo para o desenvolvimento social e cognitivo dos estudantes Surdos, por tudo aquilo que se lutou ao longo de sua história.

O destaque, neste sentido, está posto para indicar que na trajetória vivida pelos estudantes Surdos, nos diversos ambientes escolares: Educação Especial, Educação dos Surdos no Ensino Regular, Educação Escola de Surdos — logo que essa passa a ser a Escola Bilíngue de Surdos, está explícita também a defesa de direitos que podem trazer novas configurações na vida social dos Surdos.

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS, no contexto do neoliberalismo, ainda continua sua luta para quebrar mitos e dirimir dificuldades, entrepostas, na trajetória dos estudantes Surdos, no sistema educacional brasileiro. Assim, contribuir para que os debates possam gerar reflexões no sentido de conscientizar a sociedade para a causa Surda. Deste modo, empreender ações concretas para que as políticas públicas sejam levadas a efeito para melhorar a prática educativa dos Surdos, repensar um novo currículo escolar, garantir a formação estudantil e, precisamente, legitimar a categoria de Surdos Professores nas Escolas Bilíngues de Surdos.

Referências

BRASIL. **DECRETO n. 5626/2006**. Regulamenta a Lei 10.436/ 2002 que oficializa a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dee/dee_surdez.php. Acesso em 10 ago. 2002.

BRASIL. **LEI n. 10.436/2002**. Oficializa a Língua Brasileira de Sinais em território nacional. Brasília: MEC, 2002. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>. Acesso em: 10 abr.2010.



CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação dos surdos**. 2008. 245f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182?show=full>. Acesso em: 16 mar. 2026.

CUNHA JÚNIOR, E. P. da. **O Embate em Torno das Políticas Educacionais para Surdos**: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

CUNHA JÚNIOR, E. P. da. **A Escola dos Surdos no Contexto do Neoliberalismo**. 100 f. 2012. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2012.

CUNHA JÚNIOR, E. P. da. **Surdos Professores: A Constituição de Identidades por meio de Novas Categorias pelo Trabalho em Territórios Educativos**. 2022. 518f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem: Linguagem e Educação) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

CUNHA JÚNIOR, E. P. da. Prefácio: Reencontrar o Frescor de suas Lembranças. In: LAGE, A. L. da S.; VIEIRA, E. T. de B.; RODRIGUES, J. R.; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C. **Mosaico da História da Educação de Surdos no Brasil**: Região Sudeste. Coleção Resistência Históricas. Itapiranga/SC: Editora Schreibein. 2025. p. 13-26.

DUFOUR, D. R. O neoliberalismo: a dessimbolização uma forma de dominação inédita. In: DUFOUR, D. R. **A Arte de Reduzir as Cabeças - Sobre a Nova Servidão na Sociedade Neoliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. p.189-210.

FAVORITTO, W. **O Difícil são as Palavras**: Representações de/sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos Surdos. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000381756> . Acesso em: 25 nov. 2012.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **Relatório feneis anual de 1988**. (Acervo Documental). Rio de Janeiro, 1988.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **Relatório anual de 1994**. (Acervo Documental). Rio de Janeiro, 1994.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **Relatório feneis anual de 1997**. (Acervo Docuemntal). Rio de Janeiro, 1997.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **Revista feneis**. O Projeto Índio Surdo no Brasil. Ano VII, n. 32, jun. 2007.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **Revista feneis**. Surdos no Planalto. v. 44, 2011.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **FENEIS Completa duas Décadas de Trabalho e comemora Conquistas**: 20 Anos de História em defesa do Surdo. Ano VIII, n° 32, jun. 2007.

GOHN, M. da G. **Teorias dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. 9. ed. São Paulo: Edição Loyola. 1997.



GRAMSCI, A. **Literatura e Vida Nacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 1978.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GRAMSCI, A. **Escritos Políticos**, volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HAN, Byng-Chul. **A Expulsão do Outro: Sociedade, Percepção e Comunicação Hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

JORNAL DA FENEIS. **Você Precisa ser Surdo para Entender**. Rio de Janeiro, 1995.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

ORLANDI, E. P. **As formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RANGEL, G. M. M. A História de Nossa Pedagogia Surda: Pedagogia Cultural. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, v. n/d, n. 57, p.31-73, jan./jun. 2022.

SKLIAR, C. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STROBEL, K. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023.

Recebido em: 19 de janeiro de 2026.

Aceito em: 11 de abril de 2026.